

## APRESENTAÇÃO

Considerar a literatura como campo expandido pressupõe pensá-la como uma prática que atravessa e é atravessada por outros meios de expressão, movendo-se em diferentes sentidos, sem lugar fixo e predeterminado. O termo “campo expandido”, emprestado de Rosalind Krauss, identifica o campo aberto em que a literatura, em especial a contemporânea, está se colocando. Como afirma Krauss, em suas reflexões sobre o campo expandido na escultura pós-moderna, a práxis não é definida em relação a um meio de expressão, mas em relação a operações lógicas dentro de um conjunto de termos culturais, em torno dos quais vários meios podem ser usados.<sup>1</sup> Trata-se de propor leituras críticas a partir das articulações da literatura com outras formas de saber e de fazer artístico. Dessa forma, o número 67 da revista *Organon* reúne artigos originais que tratam da literatura como/em campo expandido, envolvendo temas como escrita e performance, música e poesia, jornalismo e literatura, ficção e não-ficção, literatura e política, literatura e imagem, literatura e oralidade, literatura e memória, literatura e moda.

Contribuindo de forma significativa para ampliar as discussões comparatistas, os estudos aqui reunidos entendem a literatura como rede de relações ao explorar possibilidades diversificadas de cruzamentos e conexões com os campos de outras disciplinas e artes. Em “Polêmicas políticas, religiosas e literárias no Piauí à luz do triângulo mimético de Girard”, Daniel Castello Branco Ciarlini defende que existe uma estrutura comum nas polêmicas jornalísticas que se desenvolveram em três campos piauienses, o político, o religioso e o literário, buscando compreender as regras e discursos que se operam em suas instâncias, sob a ótica da teoria do triângulo mimético de Girard. A atuação dos protagonistas das contendas é vista tanto nas esferas estética quanto ética.

Em “*Esta valsa é minha* e a “música visual” de Zelda Fitzgerald: uma entrevista com Erin E. Templeton”, Marcela Lanius entrevista a estudiosa estadunidense que escreveu a introdução da edição de 2019 de *Esta valsa é minha* de Zelda Fitzgerald, obra escrita no hospital psiquiátrico e que, a partir da personagem Alabama Knight, considerada seu *alter ego*, traz elementos da vida pessoal da autora, misturando os campos da realidade e da ficção de modo denso. Também sobre a obra de uma escritora mulher é o artigo “*Caderno de memórias coloniais*, de Isabela Figueiredo, e o campo expandido da literatura”, de Keli Cristina Pacheco. A autora propõe uma leitura em campo expandido do romance de Figueiredo que se passa em Moçambique e Portugal, durante o neocolonialismo e pós-independência de Moçambique, verificando o que a forma impõe e deseja provocar em relação à temática do projeto colonial desagregador da dominação portuguesa.

Lucas de Sousa Serafim observa a produção literária da poeta brasileira Orides Fontela, em “Devassando silêncios da poética de Orides Fontela”, buscando sinais da maneira pela qual a artista concretiza os silêncios em sua escritura, considerado força

---

<sup>1</sup> KRAUSS, Rosalind. “Sculpture in the Expanded Field”. In. *October*, Vol.8 (Spring, 1979), pp. 30 – 44. Disponível em: [http://www.stephengdewyer.info/PDF%20files/Krauss,\\_Rosalind\\_Sculpture\\_in\\_the\\_Expanded\\_Field\\_in\\_October\\_Vol\\_8\\_spring\\_1979.pdf](http://www.stephengdewyer.info/PDF%20files/Krauss,_Rosalind_Sculpture_in_the_Expanded_Field_in_October_Vol_8_spring_1979.pdf)

complementar, paralela e de igual valor ao som. Para tal, estabelece relações entre as estruturas poéticas e musicais. As relações com a fotografia são estabelecidas no artigo “A caixa esquecida da infância de Coetzee”, de André Natã Mello Botton. O autor analisa o romance autobiográfico *Infância*, de J. M. Coetzee, buscando conexões entre o narrador textual em terceira pessoa da obra e o narrador imagético do acervo fotográfico organizado pelo escritor durante 1955 e 1956.

No âmbito dos *games*, Maria Elisa Rodrigues Moreira e Rejania Francisca da Cruz Santiago, em “Literatura em expansão: Alice, do livro aos games”, propõem um percurso pelas refigurações da personagem Alice, oriunda dos livros de Lewis Carroll, quando esta é adaptada para o universo *gamer* nos jogos *American McGee's Alice* (2000) e *Alice: Madness Returns* (2011). A partir da teoria da adaptação e das teorias narratológicas, as autoras analisam a sobrevida da personagem em uma narrativa digital que transcende a literatura ao solicitar de seu leitor-jogador uma interação de caráter intertextual.

Em “Chico Hard: de papel, tinta, luz, câmera e ação”, Danielle Ferreira Costa examina as produções literárias do “Chico hard, de tinta e papel”, verificando como o processo de travessia, ou transposição de linguagens, presente em suas estruturas narrativas, configura a assinatura do novo projeto de escritura de Chico Buarque de Hollanda. Em perspectiva comparatista, a autora objetiva problematizar categorias como tradução, assinatura e escritura, demonstrar como a estrutura narrativa do romance *Budapeste* constrói-se por meio de uma metáfora do espelho, na qual o cinema se apresenta como o duplo da literatura e mostrar de que forma as narrativas de Chico Buarque podem ser metonímia de uma cartografia literária brasileira contemporânea. Em diálogo com a música, Leandro Ernesto Maia, em “Queres de caetano: a canção como literatura expandida”, chama a atenção para a sonoridade da canção e para o modo de ler-escutar canções em seu contexto de literatura expandida. A partir de procedimentos de análise intracancional e extracancional, o autor propõe pensar a canção como um gênero em que letra e música estão imbricados.

No artigo “Campo expandido em abordagens do literário”, Débora Cota considera a discussão em torno da pós-autonomia do literário (LUDMER) ou de sua inespecificidade (GARRAMUÑO), em diálogo estreito com a ideia de ampliação do campo da literatura, sem deixar de levar em conta também mudanças em torno da leitura do literário. Nessa perspectiva, propõe uma discussão do campo expandido a partir, especialmente, da leitura do literário e suas interlocuções com as práticas do comparatismo. Considerando a autores que produziram sua arte em mais de um campo, Lívia Mendes Pereira aborda o poema-canção de Paulo Leminski em “Paulo Leminski cancionista e o poema-canção Verdura”. A autora destaca que o poeta tinha por ideal utilizar a canção como forma de restituir a voz à poesia escrita. Nesse sentido, Leminski retoma a tradição oral em sua origem para refleti-la no poema-canção. A proposta do artigo é examinar como Leminski transmite a oralidade à poesia escrita, a partir das canções produzidas entre 1970 e 1980.

“Palavra-Performance”, de Camila Alexandrini, destaca que a performance se insere primeiramente como um investimento à disponibilização de outros espaços ao que chamamos de literatura e, desse modo, como uma possibilidade de que ela seja entendida, lida e desenvolvida também de outras maneiras teóricas. Para a autora, ergue-se, a partir dessa relação, um campo vasto de análise a partir do qual busca apresentar um diferencial às pesquisas contemporâneas sobre a literatura. Também na linha da reflexão teórica, “A literatura portátil de Enrique Vila-Matas: da intertextualidade à arte conceitual”, de Ana Gabriela Dickstein Roiffé, analisa de que

modo o termo *portátil*, usado como categoria, recupera características de Henrique Vila-Matas, um escritor que ultrapassa os jogos intertextuais para se metamorfosear como um autor conceitual.

Em “Tom Paulin’s poetry of the troubles”, Andrea Ferras Wolwacz examina a literatura norte irlandesa contemporânea escrita em inglês, na perspectiva teórica dos Estudos Irlandeses, no que se refere ao discurso ideológico e às questões de identidade representadas no trabalho poético de Tom Paulin. Camila Backes Dos Santos e Simone Zanon Moschen, em “O impossível e a poética da extração em *Tree of codes*: um exercício em campo expandido”, discutem a noção de poética da extração como um operar que decanta efeitos de criação do trabalho de subtração/perda. Para tanto, parte da articulação entre os estudos de Rosalind Krauss (1979), em que a autora deriva a proposição de campo expandido do delineamento de uma noção de escultura que se ergue a partir da composição de negativos, e o trabalho do escritor norte-americano Jonathan Safran Foer, que escreve o livro *Tree of codes* operando uma verdadeira exumação da obra de Bruno Schulz, *A Rua dos Crocodilos*.

Em “O texto como tecido narrativo e o imaginário das roupas na obra de Anaïs Nin”, Cinara Ferreira e Camila Nascimento Cardozo partem da noção de texto de *Roland Barthes* (2010), para quem o texto literário é como um tecido, no qual vários elementos da narrativa compõem uma trama que enreda tanto o escritor quanto o leitor. O trabalho propõe uma busca por significados nos detalhes descritivos em narrativas de Anaïs Nin e a relação entre literatura, moda e imaginário. Marina Baltazar Mattos e Rogério Meira Coelho, em “Favorite game ou a poesia não cabe mais dentro da vulva do poema”, pensam as novas configurações que a palavra poética tem encontrado para se espalhar, expandindo-se para além dos lugares e formas tradicionalmente resguardados para ela. Para isso, partem de abordagens e perspectivas teóricas, como Literatura expandida (PATO, 2012), arte e escritura expandidas (SANTOS; REZENDE, 2011) e “literatura fora de si” (GARRAMUÑO, 2014, p.43), em uma tentativa de elaborar fenômenos como a incorporação da palavra por artistas plásticos e o Slam, que vêm atravessando o contemporâneo.

No artigo “Literatura contemporânea e campo expansivo: a encenação da linguagem em Veronica Stigger”, Nilcéia Valdati e Fernanda Motter, a partir dos desdobramentos da noção de campo expansivo, de Rosalind Krauss (1979), que chegam até Garramuño (2009), Brizuela (2014), Cámara e Aguilar (2017) e Klinger (2008), observam como a criação artística de Veronica Stigger expande o campo literário para se encontrar com elementos das artes visuais, do teatro, do cinema. As autoras investigam como o processo de criação de Stigger ocorre por meio de uma encenação da linguagem. Rafael Guimarães, em “Uma narrativa “entre orillas”: a obra de Andrés Neuman e a concepção de identidade e literatura nacional em campo ampliado”, analisa duas obras do escritor Andrés Neuman, *Una vez Argentina*, de 2003, e *El viajero del siglo*, de 2009, a partir da ideia de literatura como campo ampliado e dos debates sobre o conceito de Weltliteratur. Busca, assim, observar de que forma as concepções de identidade e literatura nacionais rompem com oposições binárias construídas entre o que é próprio e o que é alheio, a partir de uma perspectiva em campo ampliado.

Estabelecendo relações entre poesia e fotografia, Roniere Menezes, em “Cecília Meireles e Genevieve Naylor: figurações da cultura popular no contexto da II Guerra”, reflete sobre trabalhos realizados pela poetisa brasileira Cecília Meireles e pela fotógrafa norte-americana Genevieve Naylor durante o período da II Guerra Mundial. Segundo o autor, as duas testemunharam o conflito internacional, vivenciando também

a guerra cotidiana das divisões sociais, o que se reflete em seus trabalhos que ampliam as imagens do Brasil de meados do século XX.

A obra de Cora Coralina é analisada por Rita Lenira de Freitas Bittencourt em “Louça chinesa e poesia brasileira: Cora Coralina em campo expandido”. O artigo ocupa-se de alguns poemas e um texto em prosa de Cora Coralina, em que se cruzam tempos e espaços e se recuperam sensações e dados da memória individual e coletiva. A partir da noção de campo expandido, desenvolvida pela teórica americana Rosalind Krauss, a autora identifica na poeta goiana uma escrita que circula sem constrangimentos ou amarras, anacrônica e deliberadamente transdisciplinar.

A revista *Organon* disponibiliza, ainda, na Sessão Livre, uma entrevista com a poeta gaúcha Lara de Lemos, realizada por Cinara Ferreira em 14 de janeiro de 2009, e uma Resenha de Douglas Rosa da Silva sobre o livro *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta*, antologia publicada em 2019 e organizada pela poeta, slammer e produtora cultural Mel Duarte.

Com este número 67 da revista *Organon*, organizado em torno do tema da literatura em campo expandido, fica a certeza de expansão dos estudos da literatura em suas múltiplas possibilidades para além das fronteiras disciplinares, como tem sido o propósito das pesquisas no campo da Literatura Comparada nos últimos tempos.

Agradecemos, por fim, aos professores, pesquisadores e pós-graduandos que contribuíram enviando seus artigos, aos pareceristas, que atenderam prontamente ao nosso convite, à editora-chefe Solange Mittmann, que acompanhou todas as etapas da edição e à Maria Eduarda Bühner, cujo auxílio foi fundamental para a concretização deste trabalho.

Cinara Ferreira e Maria Cândida Ferreira  
*Organizadoras*